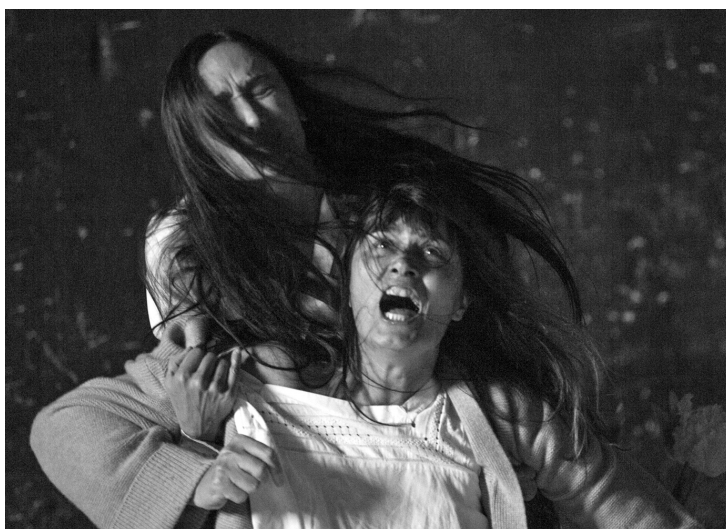


# Escrever para teatro, sobre teatro

Pascal Rambert está presente nesta edição do Festival de Almada em dose dupla. Depois de a companhia eslovena Mini Teater ter apresentado uma versão de *Final do amor* no Teatro-Estúdio António Assunção, há outro texto do autor francês em cena. Falamos, obviamente, de *Actriz*, o espectáculo que está no Teatro Nacional D. Maria II: amanhã às 19h e segunda-feira às 16h.

**A**ctriz nasceu no Teatro de Arte de Moscovo, depois do sucesso que um outro texto de Pascal Rambert, *Final do amor*, obteve na sala russa em 2012. Foi o resultado de um convite da direcção e, em 2015, o novo texto estava pronto a estrear. O convívio com as seis dezenas de actores da companhia, as histórias que vieram à tona em cada conversa e os ramos de flores que, noite após noite, os espectadores ofereciam ao elenco fizeram com que o autor sublimasse, na sua nova peça, a profissão de todos aqueles que sobem ao palco com o único objectivo de tocar o coração do outro. *Actriz* conta-nos a história de uma estrela do teatro cuja luz esmoreceu. Na verdade, está prestes a apagar-se por acção de um tumor cerebral que é responsável pelo seu afastamento dos palcos, mas também pelo regresso da irmã. *Actriz* é a história da distância que a vida



Marina Hands foi distinguida com um Prémio Molière pelo seu desempenho

interpôs entre Eugénia e Ksenia. É a história da paixão que ficou por viver com Igor, o seu cunhado. É a história dos filhos que hão-de crescer sozinhos e dos aplausos que Eugénia um dia arrancou, até

às plateias mais frias. É, sobretudo, a história dos espectáculos que ficaram por fazer.

**Tudo recomeça**  
Pascal Rambert diz ser difícil es-

crever para teatro nos dias que correm. “Quase poderíamos dizer que já tudo foi feito”, escreve o autor e encenador. “No entanto, está tudo a recomeçar”. Depois de ter escrito para os actores do Teatro de Arte de Moscovo, Pascal Rambert tratou de preparar a versão francesa de *Actriz*. Estreada em Dezembro do ano passado, no Théâtre des Bouffes du Nord, é esta a versão que agora está em cena no Teatro Nacional D. Maria II, com Marina Hands no papel de protagonista. Todavia, depois deste espectáculo, Pascal Rambert há-de voltar à Sala Garrett em Setembro, na sequência de um convite que Tiago Rodrigues, director artístico do TNDMII, lhe endereçou. Levará à cena, com um elenco português, mais um texto nascido na sequência desta experiência com o Teatro de Arte de Moscovo. E ao qual chamou, simplesmente, *Teatro*.

# Fernando Tordo canta Ary dos Santos

Fernando Tordo e Ary dos Santos são, sem dúvida, uma parte muito importante da história da música portuguesa. É destes dois nomes que estamos a falar quando anunciamos o concerto que o Palco da Esplanada da Escola D. António da Costa vai oferecer no dia 15 de Julho, às 22h.

**E**stes dois criadores formaram uma dupla ímpar durante muitos anos. Ary dos Santos deixou-nos em 1984 mas é agora lembrado por Fernando Tordo, no ano em que este comemora 50 anos de canções e 70 de vida. O espectáculo pensado para assinalar a data chama-se *A história das*

*canções* e desvenda os contornos de cada tema. O que esperar deste concerto? O cruzamento da intemporalidade das palavras de José Carlos Ary dos Santos com a genialidade de um dos intérpretes que mais vezes as cantou, sensível em temas como *Estrela da tarde*, *Tourada*

e *Cavalo à solta*. Quem conhece Fernando Tordo, conhece também a capacidade do cantor e compositor para interagir com o público. Como tal, o concerto de amanhã à noite afigura-se imperdível. Promete unir gerações e ir ao encontro de um dos momentos altos da música portuguesa.



# Genet, *l'enfant terrible* por excelência

O encenador António Pires e a dupla de tradutores de *Colónia penal*, Luís Lima Barreto e Fátima Ferreira, estiveram ontem à conversa com o público na Esplanada da Escola D. António da Costa. O colóquio foi moderado por Rita Martins.

**C**olónia penal é uma peça sobre uma colónia penal fictícia, durante a qual se cosem os pensamentos e os diálogos que um conjunto de condenados dedica à vida e à morte, enquanto espera pelo golpe libertador da guilhotina. António Pires, encenador do espectáculo, fala de uma “situação-limite” e de um texto com “muitas camadas” que começou por ser um guião de cinema. A colaboração com João Botelho foi, por isso mesmo, uma

consequência natural dessa natureza cinematográfica do texto e algumas cenas de *Colónia penal* remetem mesmo para *Chant d'amour* (1950), o único filme de Jean Genet. Fátima Ferreira destacou, por sua vez, a distância a que estamos do tempo e do universo carcerário que define a peça e chamou a atenção para o elemento “profundamente perturbador” que atravessa toda a obra do autor. Luís Lima Barreto considerou Genet “um dos melhores



Luís Lima Barreto, Fátima Ferreira, António Pires e Rita Martins

© Luana Ribeiro

autores franceses” e partilhou a sua experiência enquanto intérprete de quatro textos deste *enfant terrible*. No seu entender, a sua obra distingue-se, sobretudo, pela apologia do “prazer da abjeção” e pelo “mergulho no negativo e no sórdido”. Falou da imagem de marginal que se colou à figura do autor e também da existência

de uma colónia penal francesa, real, cuja extinção em 1968 levou Genet a escrever um texto de protesto, dizendo que tinham acabado com “uma das razões da sua existência”. O colóquio não terminou sem uma reflexão sobre a educação artística em Portugal e sobre a progressiva desvalorização do texto no teatro.

## Aplausos para Rita Redshoes

Rita Redshoes passou ontem pela Esplanada da Escola D. António da Costa na companhia do guitarrista madeirense Bruno Santos, que há uns tempos lhe propôs recriar os seus temas de sempre com sonoridades do jazz. Sempre bem-disposta, recordou temas de vários álbuns num formato intimista que conquistou as duas centenas de pessoas que assistiram ao concerto.

**O**s quatro álbuns de estúdio que Rita Redshoes editou até ao momento – *Golden Era* (2008), *Lights & Darks* (2010), *Life is a Second of Love* (2014) e *Her* (2016) – foram todos convocados para o concerto de ontem à noite na Esplanada da Escola D. António da Costa. Do primeiro vieram, por exemplo, *Your Waltz* (dedicado à memória da avó de “feito difícil, para não dizer torto”), *Hey Tom* e *Choose love*, um dos singles que mais contribuiu para a notoriedade da cantora. Do segundo, *It's a honeymoon* foi cantada em dueto com Bruno Santos e, do terceiro, foi possível ouvir, por exemplo, *Woman, Snake*. Do alinhamento também fizeram parte *Take me home*, de Tom Waits (“um homem de quem gosto muito”, lembrou Rita Redshoes), e um



Rita Redshoes e Bruno Santos

© Rui Carlos Mateus

dos standards mais conhecidos do jazz (*I'm in the mood for love*), que permitiu destacar a formação do companheiro de palco, ligado há mais de 20 anos a projectos nesta área. O concerto teve ainda a particularidade de incluir um instrumento típico da ilha da Madeira: o rajão. Para terminar aquela que

será, nos próximos tempos, uma das suas últimas actuações ao vivo (recorde-se que Rita Redshoes anunciou no Facebook a gravação de um novo disco), a cantora escolheu uma canção de *Her*. Chama-se *Mulher* e foi o único tema que cantou em português. Os aplausos não se fizeram esperar.

### AGENDA DE AMANHÃ

ESPECTÁCULO DE SALA

- 16:00 **Actriz**  
Teatro Nacional D. Maria II
- 17:30 **Estado de sítio**  
Teatro São Luiz
- 19:00 **Melodramas de horror**  
Fórum Romeu Correia
- 21:30 **Carmen**  
Teatro da Trindade

MÚSICA

- 22:00 **Fernando Tordo**  
Escola D. António da Costa

### RESTAURANTE DA ESPLANADA

HOJE

- Bolonhesa c/ sabores tailandeses
  - Salmão em papillote
- Guisado de acelgas (ou espinafres) c/ grão-de-bico e tamarindo

AMANHÃ

- Lasanha
- Red fish no frono
- Puré de cenoura e caril c/ manteiga e pickles de malagueta